

## SEIS

### INVERNO.

Todo ano, no primeiro dia em que começa a nevar, faço a mesma coisa: saio de casa bem cedo, pela manhã, ainda de pijama, apertando os braços contra o peito para enfrentar o frio. Vejo a entrada, o carro de meu pai, o muro, as árvores, os telhados e as colinas cobertos por mais de um palmo de neve. Sorrio. O céu está limpo e azul, e tudo é tão branco que os meus olhos chegam a arder. Enfio um punhado de neve na boca, fico ouvindo aquele silêncio abafado que só é rompido pelos grasnidos dos corvos. Desço os degraus, descalço, e chamo Hassan para vir ver também.

O inverno era a estação favorita de todas as crianças de Cabul, pelo menos daquelas cujos pais tinham condições de comprar um bom aquecedor de ferro. E o motivo era simples: as escolas fechavam durante a estação gelada. Para mim, a chegada do inverno significava

não ter que fazer longas divisões nem dar o nome da capital da Bulgária, e o princípio de um período de três meses jogando cartas com Hassan perto da lareira, indo ver filmes russos no cinema Park na terça-feira de manhã, comer *qurma* de nabo doce com arroz na hora do almoço, depois de uma manhã inteira fazendo bonecos de neve.

E pipas, é claro. Soltar pipas. E correr para apanhá-las.

Para umas poucas crianças desafortunadas, o inverno não significava o fim do ano letivo. É que havia os chamados cursos voluntários de inverno. Nenhuma criança jamais foi realmente voluntária para esses cursos; é óbvio que eram os seus pais que as inscreviam. Por sorte, *baba* não era um deles. Lembro de um menino, Ahmad, que morava do outro lado da rua. Seu pai era uma espécie de médico, acho eu. Ahmad tinha epilepsia e usava sempre um casaco de lã e uns óculos com lentes de fundo de garrafa e aro escuro — ele era uma das vítimas habituais de Assef. Toda manhã, pela janela de meu quarto, via o criado hazara tirando a neve do chão defronte da casa deles, limpando o caminho para a saída do Opel preto. Eu fazia questão de ver Ahmad e o pai entrarem no carro, Ahmad vestindo o seu casaco negro e um sobretudo de inverno, com a mala cheia de livros e de lápis. Ficava esperando até eles saírem, dobrarem a esquina e, então, voltava para a cama com o meu pijama de flanela. Puxava o cobertor até o queixo e ficava olhando as colinas cobertas de neve que se viam pela janela. Ficava olhando para elas até pegar no sono outra vez.

Adorava o inverno em Cabul. Adorava por causa do suave tamborilar na minha janela à noite, quando estava nevando; por causa do barulhinho da neve fresca debaixo das minhas galochas pretas; do calor do fogareiro de ferro fundido enquanto o vento assobiava pelos quintais e pelas ruas. Mas principalmente porque, quando as árvores ficavam congeladas e a neve recobria as estradas, o gelo entre mim e *baba* diminuía um pouco. E a razão disso eram as pipas. *Baba* e eu morávamos na mesma casa, mas vivíamos em esferas de existência completamente diferentes. As pipas eram a minúscula área de interseção que havia entre essas esferas.

TODOS OS BAIRROS DE CABUL SEMPRE organizavam campeonatos de pipas no inverno. E se você fosse um menino de Cabul, o dia do torneio era incontestavelmente o ponto alto da estação fria. Nunca conseguia

dormir na véspera da competição. Rolava na cama, fazia animais de sombra na parede, chegava até a ir sentar na varanda no escuro, enrolado em um cobertor. Eu me sentia como um soldado tentando dormir na trincheira na véspera de uma batalha importante. E não era muito diferente, não. Em Cabul, empinar pipas era um pouco como ir para a guerra.

Como em toda guerra, você precisa se preparar para uma batalha. Durante algum tempo, Hassan e eu fizemos as nossas próprias pipas. Passávamos o outono economizando dinheiro da mesada e guardávamos essas economias em um cavalinho de porcelana que meu pai trouxe uma vez de uma viagem a Herat. Quando começavam a soprar os ventos do inverno e a neve começava a cair em quantidade razoável, abríamos o fecho que ficava debaixo da barriga do cavalo. Corríamos para o *bazaar* e comprávamos bambu, cola, barbante e papel de seda. Passávamos horas a fio aparando o bambu para a vareta central e as outras duas que se cruzavam para fazer a armação, cortando o papel finíssimo, indispensável para a pipa debicar e voltar a subir com facilidade. E, é claro, tínhamos que fazer também a nossa própria linha, ou *tar*. Se a pipa era o revólver, o *tar*, o fio cortante recoberto de cerol, era a munição. Íamos para o quintal e enchíamos uns duzentos metros de barbante com aquela mistura de cola e vidro moído. Depois, pendurávamos o barbante entre as árvores para secar. No dia seguinte, enrolávamos a linha pronta para a guerra em um carretel de madeira. Quando a neve derretia e começavam a cair as chuvas da primavera, todos os meninos de Cabul ostentavam nos dedos talhos horizontais, traços reveladores de um inverno inteiro passado nessas batalhas. Lembro de como os meus colegas e eu nos reuníamos para comparar as cicatrizes de guerra no primeiro dia de aula. Os cortes eram doloridos e levavam umas duas semanas para sarar, mas isso não tinha a menor importância. Aquelas eram as marcas da estação que eu tanto amava e que, mais uma vez, tinha acabado depressa demais. Então, o monitor da turma soava o apito e, em fila, todos nos dirigíamos para a sala de aula, já sonhando com a volta do inverno e, no entanto, indo ao encontro do espectro de mais um longo ano letivo.

Logo se viu, porém, que Hassan e eu éramos muito melhores empinando pipas do que tentando fabricá-las. Uma falha ou outra

no nosso projeto sempre acabava determinando o seu destino. *Baba* começou então a nos levar à loja de Saifo para comprar nossas pipas. Saifo era um homem quase cego, *moochi* de profissão — que ganhava a vida consertando sapatos. Mas também era o fabricante de pipas mais famoso da cidade, com a sua minúscula lojinha na Jadeh Maywand, a rua mais movimentada ao sul das margens lamacentas do rio Cabul. Lembro que as pessoas tinham de se agachar para entrar naquele cubículo do tamanho de uma cela de prisão, e, depois, levantar a tampa de um alçapão para descer alguns degraus de madeira que levavam ao porão úmido onde Saifo guardava as tão cobiçadas pipas. *Baba* comprava para cada um de nós três pipas idênticas e carretéis de linha com cerol. Se eu mudasse de idéia e resolvesse pedir uma pipa maior e mais extravagante, ele a compraria, mas compraria a mesma também para Hassan. Às vezes gostaria que não agisse assim. Que me deixasse ser o seu favorito.

O campeonato de pipas era uma velha tradição de inverno no Afeganistão. O torneio começava de manhã cedo e só acabava quando a pipa vencedora fosse a única ainda voando no céu — lembro de uma vez que a competição terminou quando já era noite fechada. As pessoas se amontoavam pelas calçadas e pelos telhados, torcendo pelos filhos. As ruas ficavam repletas de competidores dando sacudidas e puxões nas linhas, com os olhos fixos no céu, tentando se pôr em condições de cortar a pipa do adversário. Todo pipeiro tinha um assistente — no meu caso, Hassan —, que ficava segurando o carretel e controlando a linha.

Certa vez, um gurizinho indiano, cuja família tinha acabado de se mudar para o nosso bairro, veio nos dizer que, lá na sua terra, havia regras estritas e toda uma regulamentação para se soltar pipa.

— Temos que ficar em uma área cercada e é preciso se pôr em um ângulo determinado com relação ao vento — disse ele todo prosa. — E não se pode usar alumínio para fazer sua própria linha com cerol.

Hassan e eu nos entreolhamos. E caímos na gargalhada. Aquele pirralho indiano logo, logo aprenderia o que os britânicos aprenderam no começo do século, e os russos viriam a descobrir em fins da década de 1980: que os afegãos são um povo independente. Cultivam os costumes, mas abominam as regras. E com as pipas não podia ser

diferente. As regras eram simples: não havia regras. Empine a sua pipa. Corte a dos adversários. E boa sorte.

Só que isso não era tudo. A brincadeira começava mesmo depois que uma pipa era cortada. Era aí que entravam em cena os caçadores de pipas, aquelas crianças que corriam atrás das pipas levadas pelo vento, até que elas comessem a rodopiar e acabassem caindo no quintal de alguém, em uma árvore ou em cima de um telhado. Essa perseguição podia se tornar bastante feroz; bandos de meninos saíam correndo desabalados pelas ruas, uns empurrando os outros como aquela gente da Espanha sobre quem li alguma coisa, aqueles que correm dos touros. Uma vez, um garoto da vizinhança subiu em um pinheiro para apanhar uma pipa. O galho quebrou com o seu peso e ele caiu de mais de dez metros de altura. Quebrou a espinha e nunca mais voltou a andar. Mas caiu segurando a pipa. E quando um desses caçadores põe a mão em uma pipa, ninguém pode tirá-la dele. Isso não é uma regra. É o costume.

Para eles, o prêmio mais cobiçado era a última pipa que caía em um campeonato de inverno. Era como um troféu, algo a ser posto em um lugar de destaque e exibido para as visitas. Quando o céu se esvaziava, e sobravam apenas as duas últimas pipas, todos aqueles caçadores se preparavam para tentar conquistar aquele prêmio. Procuravam se posicionar de jeito a estarem prontos para a largada. Músculos tensos, prestes a disparar. Pescoços espichados. Olhos apertados. Surgiam as brigas. E, quando a última pipa era cortada, era um deus-nos-acuda.

Ao longo dos anos, vi milhares de garotos correrem atrás de pipas. Mas Hassan foi de longe o melhor que jamais vi. Era impressionante como ele percebia onde a pipa poderia ir parar *antes* mesmo que ela comesse a cair, como se tivesse uma espécie de bússola interior.

Lembro de um dia nublado de inverno, quando Hassan e eu estávamos tentando apanhar uma pipa. Fui correndo atrás dele pelo bairro todo, pulando valetas, me embrenhando por ruelas estreitas. Hassan era um ano mais moço, mas corria bem mais depressa, e eu já estava ficando para trás.

— Hassan! Espere! — gritei quase sem fôlego.

Ele se virou e fez um gesto com a mão.

— Por aqui — disse, antes de desaparecer em uma outra esquina. Olhei para cima e vi que estávamos correndo em uma direção, enquanto a pipa ia sendo levada para o lado oposto.

— Vamos perder essa pipa! Estamos indo para o lado errado! — exclamei.

— Confie em mim! — gritou ele lá de longe.

Cheguei na esquina e vi Hassan, que continuava correndo, de cabeça baixa, sem nem mesmo olhar para o céu, com as costas da camisa encharcadas de suor. Tropecei em uma pedra e caí — eu não era só mais lento que Hassan, era mais desajeitado também; sempre tive inveja de sua condição atlética natural. Quando me levantei, avistei Hassan que desaparecia dobrando uma outra esquina. Saí mancando atrás dele, sentindo fisgadas de dor nos joelhos esfolados.

Fomos dar em uma estradinha de terra toda esburacada, perto da escola secundária Istiqlal. De um lado, havia um campo que, no verão, era uma plantação de alfaces, e, do outro, um renque de cerejeiras. Vi Hassan sentado no chão, ao pé de uma daquelas árvores, comendo um punhado de amoras secas.

— O que é que estamos fazendo aqui? — indaguei ofegante, com o estômago se revirando de enjoô.

— Sente comigo, Amir *agha* — disse ele sorrindo.

Na verdade, me deixei cair ao seu lado e me estiquei em um pedacinho de chão coberto de neve, quase sem fôlego.

— Estamos perdendo tempo. Não viu que a pipa está indo para o outro lado?

Hassan trincou uma amora.

— Está vindo para cá — respondeu.

Eu mal podia respirar, e ele nem parecia cansado.

— Como pode saber? — perguntei.

— Eu sei.

— *Como?*

Ele se virou para mim. Algumas gotinhas de suor escorriam de sua cabeça raspada.

— Já menti para você, Amir *agha*?

De repente, resolvi implicar com ele.

— Sei lá — respondi. — Já?

— Mil vezes comer cocô! — exclamou ele com ar indignado.

— De verdade? Você faria isso?

Ele me lançou um olhar desconcertado.

— Faria o quê?

— Comer cocô, se eu mandasse — respondi. Sabia que estava sendo cruel, como naquelas vezes em que debochava dele quando não conhecia uma palavra qualquer. Mas havia algo de fascinante, embora de um jeito doentio, em implicar com Hassan. Era um pouco como brincar de torturar insetos. Só que, agora, ele era a formiga e eu é que estava segurando a lupa.

Ele ficou me encarando por um bom momento. Estávamos sentados ali, dois meninos debaixo de uma cerejeira, e, de repente, nos olhávamos, olhávamos *de verdade*. Foi então que aconteceu de novo: o rosto de Hassan mudou. Talvez não tenha *mudado*, não para valer, mas, de repente, tive a sensação de estar olhando para dois rostos: um deles, o que eu conhecia, aquele que era a minha lembrança mais remota; o outro, o segundo rosto, era o que estava escondido logo abaixo da superfície. Já tinha visto isso acontecer antes e aquilo sempre me deixava um pouco atordoado. Esse outro rosto só aparecia por uma fração de segundo, mas isso era o bastante para me deixar com a perturbadora sensação de que talvez já o tivesse visto em algum lugar. Então, Hassan piscava e voltava a ser ele mesmo. Simplesmente Hassan.

— Se você mandasse, faria, sim — disse ele afinal, olhando bem para o meu rosto. Baixei os olhos. Foi aí que descobri como é difícil olhar diretamente nos olhos das pessoas como Hassan, essas pessoas que dizem sinceramente o que pensam. — Mas fico imaginando... — acrescentou ele. — Será que algum dia você me mandaria fazer uma coisa dessas, Amir *agha*?

E, com isso, Hassan me propôs um pequeno teste. Se eu ia provocá-lo, desafiando a sua lealdade, ele ia fazer o mesmo, pondo à prova a minha integridade.

Adoraria não ter começado aquela conversa. Dei um sorriso forçado.

— Não seja idiota, Hassan. Você sabe muito bem que eu não faria isso!

Ele também sorriu. Só que o dele não parecia forçado.

— Eu sei — disse.

E esse é o problema das pessoas que são sinceras: acham que todo mundo também é.

— Lá vem ela — exclamou ele apontando para o céu.

Levantou-se e deu uns poucos passos para a esquerda. Olhei para cima e vi a pipa rodopiando na nossa direção. Ouvi correria, gritos, um monte de outros caçadores que se aproximavam. Mas estavam perdendo seu tempo. Porque Hassan ficou parado ali, de braços abertos, sorrindo, à espera da pipa. E que Deus — se é que Ele existe — me cegue se não for verdade que a pipa caiu exatamente naqueles braços estendidos.

NO INVERNO DE 1975 VI HASSAN CORRER atrás de uma pipa pela última vez.

Normalmente, cada bairro tem a sua própria competição. Mas, naquele ano, o campeonato ia ser realizado no meu, Wazir Akbar Khan, e vários outros — Karteh-Char, Karteh-Parwan, Mekro-Rayan e Koteh-Sangi — tinham sido convidados. Não se podia ir a lugar nenhum sem ouvir falar do torneio que se aproximava. Dizia-se que aquela ia ser a maior competição dos últimos vinte e cinco anos.

Certa noite, naquele inverno, a apenas quatro dias do campeonato, meu pai e eu estávamos sentados no escritório, nas cadeiras estofadas de couro, à luz da lareira. Conversávamos, tomando chá. Ali tinha servido o jantar mais cedo — batatas e couve-flor ao *curry* com arroz — e tinha ido se deitar juntamente com Hassan. *Baba* estava engordando o cachimbo, como dizia, e eu lhe pedi que me contasse aquela história sobre o inverno em que um bando de lobos desceu das montanhas de Herat, obrigando as pessoas a ficarem trancadas em casa por uma semana. Ele riscou um fósforo e disse, como quem não quer nada:

— Talvez você ganhe o campeonato este ano. O que acha?

Fiquei sem saber o que pensar. Ou o que dizer. Será que era o que eu estava imaginando? Será que ele estava simplesmente me dando uma indireta? Eu era bom empinando pipas. Na verdade, era muito bom. Umás poucas vezes estive bem perto de ganhar o campeonato de

inverno — certa feita, fiquei entre os três finalistas. Mas chegar quase lá não era a mesma coisa que vencer, não é? *Baba* não tinha *chegado quase lá*. Ganhou porque os vencedores ganham e todos os demais vão embora para casa. Ele estava acostumado a vencer, vencer em tudo o que resolvesse fazer. Será que não tinha o direito de esperar o mesmo do próprio filho? E imagine só se eu ganhasse...

*Baba* ficou fumando seu cachimbo e falando. Fingi estar ouvindo. Na verdade, porém, não conseguia ouvir nada, pois o ligeiro comentário casual que ele tinha feito plantou uma semente em minha cabeça: a decisão de ganhar o torneio de inverno. Eu ia ganhar. Não havia nenhuma outra opção viável. Ia ganhar e ia conseguir aquela última pipa. Então, ia trazê-la para casa e mostrá-la a *baba*. Mostrar a ele, de uma vez por todas, que o seu filho tinha valor. E, assim, quem sabe a minha vida de fantasma naquela casa não acabaria afinal? Fiquei sonhando: imaginei conversas e risos durante o jantar, em vez daquele silêncio só rompido pelo barulho dos talheres e algum grunhido ocasional. Vi nós dois saindo de carro, na sexta-feira, rumo a Paghman, com uma parada no lago Ghargha para comer truta frita com batatas. Iríamos ao zoológico ver Marjan, o leão, e talvez *baba* não ficasse bocejando e olhando o relógio o tempo todo. Talvez até lesse uma das minhas histórias. Seria capaz de escrever uma centena delas se achasse que ele leria uma que fosse... Talvez ele me chamasse de Amir *jan*, como Rahim Khan fazia. E talvez, apenas talvez, ele finalmente me perdoasse por ter matado minha mãe.

*Baba* estava falando de quando cortou quatorze pipas em um dia só. Fiquei sorrindo, assentindo com a cabeça; ri em todos os momentos certos, mas praticamente não ouvi uma palavra do que ele disse. Agora, eu tinha uma missão. E não ia decepcionar *baba*. Não desta vez.

NEVOU FORTE NA VÉSPERA DO CAMPEONATO. Hassan e eu ficamos sentados debaixo do *kursi*, jogando *panjpar*, ouvindo os galhos das árvores batendo na vidraça sacudidos pelo vento. Mais cedo, pedi a Ali que preparasse o *kursi* para nós — basicamente um aquecedor elétrico instalado sob uma mesa baixa recoberta com um edredom bem grosso. Em volta da mesa, ele pôs colchões e almofadas e, desse jeito,

umas vinte pessoas poderiam se sentar e enfiar as pernas ali embaixo. Normalmente, Hassan e eu passávamos os dias de muita neve desse jeito, jogando xadrez ou cartas — quase sempre *panjpar*.

Comprei o dez de ouros de Hassan e joguei para ele dois valetes e um seis. Ao lado, no escritório, *baba* e Rahim Khan estavam tendo uma conversa de negócios com dois outros homens, um dos quais reconheci como sendo o pai de Assef. Através da parede, dava para ouvir o som meio chiado do noticiário da rádio Cabul.

Hassan deixou o seis e apanhou os valetes. No rádio, Daoud Khan estava anunciando alguma coisa sobre investimentos estrangeiros.

— Ele está dizendo que um dia desses vamos ter televisão em Cabul — disse eu.

— Quem?

— Daoud Khan, seu idiota, o presidente.

— Ouvi dizer que no Irã já tem — disse Hassan com um risinho.

— Esses iranianos... — suspirei.

Para muitos hazaras, o Irã representava uma espécie de santuário. Suponho que fosse porque, como eles, a maioria dos iranianos era xiita. Mas estava lembrando de algo que meu professor tinha dito naquele verão sobre os iranianos: que eles eram indivíduos sorridentes e de fala mansa, que davam tapinhas nas costas com uma das mãos enquanto roubavam a nossa carteira com a outra. Contei isso a *baba* e ele disse que meu professor era um daqueles afegãos invejosos, invejosos porque o Irã era um poder em ascensão na Ásia e a maior parte das pessoas pelo mundo afora mal sabia localizar o Afeganistão em um mapa. “É duro dizer isto”, acrescentou ele dando de ombros. “Mas é melhor uma verdade que dói do que uma mentira que conforta.”

— Qualquer dia desses compro uma para você — acrescentei.

O rosto de Hassan se iluminou.

— Uma televisão? Sério?

— Claro. E não vai ser dessas em preto-e-branco, não. Provavelmente já seremos grandes nessa época, mas vou comprar duas. Uma para você, outra para mim.

— Vou botar em cima da minha mesa, onde ficam os meus desenhos — disse Hassan.

Ouvi-lo dizer isso me deixou triste. Triste por ele ser o que era, por morar onde morava. Pelo fato de aceitar que ia crescer naquela cabana do quintal, exatamente como tinha acontecido com seu pai. Comprei a última carta e joguei para ele um par de damas e um dez.

Hassan pegou as damas.

— Sabe, acho que você vai deixar *agha sahib* muito orgulhoso amanhã.

— Acha mesmo?

— *Inshallah* — disse ele.

— *Inshallah* — repeti eu, embora a idéia de uma “vontade de Deus” não soasse muito sincera em minha boca. Isso era um dos problemas com Hassan. O desgraçado do garoto era tão puro que a gente sempre parecia hipócrita perto dele.

Comprei o rei e joguei a última carta, o ás de espadas. Ele tinha que comprá-la. Ganhei, mas, enquanto embaralhava as cartas para uma outra partida, tive a clara suspeita de que Hassan tinha me deixado ganhar.

— Amir *agha*...

— O quê?

— Sabe... gosto do lugar onde moro. — Ele sempre fazia isso: ler meus pensamentos. — É o meu lar.

— Bom, você é quem sabe... — disse eu. — Prepare-se para perder outra vez.